

A Língua Portuguesa em Dia

Francine Baranoski Pereira
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2018

Francine Baranoski Pereira

(Organizadora)

A Língua Portuguesa em Dia

Atena Editora

2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L755 A língua portuguesa em dia [recurso eletrônico] / Organizadora Francine Baranoski Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-89-5

DOI 10.22533/at.ed.895182211

1. Língua portuguesa. I. Gaviolli, Gabriel. II. Título. III. Série.

CDD 469.04

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra intitulada: "A Língua Portuguesa em Dia" traz uma riqueza de estudos nas grandes áreas: Gramática, Língua e Literatura, áreas que possuem identidades próprias, que se complementam e propiciam a reflexão e compreensão dos fenômenos da linguagem em suas diversas manifestações.

Os artigos desta edição, fazem um convite ao leitor/professor/estudante da área e/ ou demais interessados a compreender o discurso literário de diversos autores brasileiros e estrangeiros, dentre eles: Clarice Lispector, Ana Miranda, Eulálio Motta, Carson McCullers, Luandino Vieira, José Lins do Rego, Suleiman Cassamo, Paulina Chiziane sob múltiplos enfoques. Mostram estudos que ressaltam a importância do uso da gramática, do dicionário, do ensino de diversos gêneros textuais em sala de aula. Apresentam análises e eventos discursivos, variedades linguísticas, contribuições para o ensino de língua estrangeira, uso da tecnologia no ensino do Português e ensino de Libras em um relato de experiência. Todos os capítulos contêm embasamento teórico seguido de explicações, indagações e reflexões ou relatos, provocando no leitor a construção de suas compreensões e interpretações e por fim, do seu próprio conhecimento dos estudos apresentados.

Deste modo, a leitura desta obra propiciará inúmeras contribuições para leitores, professores, estudantes e pesquisadores em suas leituras, práticas e pesquisas neste âmbito plural, pois traz o conhecimento científico em distintas áreas que perpassam Língua e Literatura.

Francine Baranoski Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A AMBIVALÊNCIA ENTRE A TEMPORALIDADE NARRATIVA FICCIONAL E A TEMPORALIDADE HISTÓRICA NA OBRA <i>BOCA DO INFERNO</i> DE ANA MIRANDA	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822111	
CAPÍTULO 2	11
A NORMALIZAÇÃO NA TRADUÇÃO DO VOCÁBULO “MORTE/DEATH” EM DUAS OBRAS DE CLARICE LISPECTOR TRADUZIDAS PARA A LÍNGUA INGLESA: UM ESTUDO BASEADO EM CORPUS	
<i>Thereza Cristina de Souza Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822112	
CAPÍTULO 3	22
EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DO POEMA “TERRA DE PROMISSÃO”, DE EULÁLIO MOTTA	
<i>Pâmella Araujo da Silva Cintra</i>	
<i>Patrício Nunes Barreiros</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822113	
CAPÍTULO 4	36
EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DO POEMA CARNAVAL DE MUNDO NOVO, DE EULÁLIO MOTTA	
<i>Maria Rosane Vale Noronha Desidério</i>	
<i>Patrício Nunes Barreiros</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822114	
CAPÍTULO 5	48
EM BUSCA DE RESPOSTAS: DEUS EXISTE?	
<i>Ieda Tinoco Boechat</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
<i>Leila Maria Tinoco Boechat Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822115	
CAPÍTULO 6	63
EM CENA A LENDA AMAZÔNICA: A MATINTA PERERA	
<i>Rosalina Albuquerque Henrique</i>	
<i>Célia Suely Abreu Cota</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822116	
CAPÍTULO 7	73
LITERATURA E MÚSICA NOS CONTOS “WUNDERKIND” E “MADAME ZILENSKY E O REI DA FINLÂNDIA” DE CARSON MCCOLLERS	
<i>Júlia Reyes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822117	
CAPÍTULO 8	87
LUANDINO VIEIRA PELOS CAMINHOS DA PAISAGEM, DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA EM LUUANDA	
<i>Fabiana de Paula Lessa Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822118	
CAPÍTULO 9	100
MEMÓRIA CULTURAL DOS ESCRITORES: AS ENGRENAGENS DE JOSÉ LINS DO REGO.	
<i>Evandro Figueiredo Candido</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822119	

CAPÍTULO 10	115
ENTRE CULTURAS: A MISSÃO CIENTÍFICA AUSTRO-ALEMÃ DE 1817 AO BRASIL	
<i>Leonardo Ferreira Kaltner</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221110	
CAPÍTULO 11	130
UM PASSEIO PELAS RUAS, CIDADES E VIDAS EM SULEIMAN CASSAMO	
<i>Fabiana de Paula Lessa Oliveira</i>	
<i>Fabiana Rodrigues de Souza Pedro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221111	
CAPÍTULO 12	140
PROCEDIMENTO LITERÁRIO DE PAULINA CHIZIANE “VENTOS DO APOCALIPSE”	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Ana Maria de Carvalho Leite</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221112	
CAPÍTULO 13	148
CARACTERÍSTICAS CENTRAIS DA NARRATIVA GÓGOLIANA E A MOTIVAÇÃO MORAL A PARTIR DE TCHITCHIKOV EM ALMAS MORTAS, DE NIKOLAI GÓGOL	
<i>Márlon Coí Rojas</i>	
<i>Evandro Barbosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221113	
CAPÍTULO 14	152
A TRAVESSIA DA LETRA E DAS PERSONAGENS CLARICIANAS	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221114	
CAPÍTULO 15	167
ANÁLISE DA PROPAGANDA ORAL À LUZ DOS ESTUDOS RETÓRICO-CONVERSACIONAIS	
<i>Maria Francisca Oliveira Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221115	
CAPÍTULO 16	180
A INTERFACE SEMIOLINGUÍSTICA NAS CANÇÕES DE NANDO REIS NO ESTUDO DA LEITURA	
<i>Carmen Elena das Chagas</i>	
<i>Pânmeilla Franco Bispo dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221116	
CAPÍTULO 17	191
A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Fátima Stela Bezerra Viana Barbosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221117	
CAPÍTULO 18	199
O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA NAS ENTRELINHAS DE PESQUISAS	
<i>Amós Coêlho da Silva</i>	
<i>Anne Marilyn Silva Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221118	

CAPÍTULO 19	213
ANÁLISE DAS REGRAS DE FÓRUNS DE FANFICTIONS COMO ESTRATÉGIA NA ADEQUAÇÃO DA ESCRITA DOS JOVENS ÀS NORMAS ORTOGRÁFICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA	
<i>Elaine Santana de Souza</i>	
<i>Luciano Dias de Sousa</i>	
<i>Raquel Veggj Moreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221119	
CAPÍTULO 20	225
ANÁLISE DO DISCURSO DE UMA CAMPANHA DE SAÚDE FEMININA	
<i>Edelyne Nunes Diniz de Oliveira</i>	
<i>Lucineide Matos Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221120	
CAPÍTULO 21	237
ANÁLISE DO LOGOS ARISTOTÉLICO NO GÊNERO TEXTUAL DEBATE POLÍTICO TELEVISIONADO	
<i>Romildo Barros da Silva</i>	
<i>Maria Francisca Oliveira Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221121	
CAPÍTULO 22	254
ANÁLISE SEMÂNTICA DO ROTEIRO DE TELENOVELA	
<i>Simone Dorneles Severo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221122	
CAPÍTULO 23	279
AS CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO ANÚNCIO NO ESTÍMULO À LEITURA	
<i>Géssica Pereira Monteiro Rangel</i>	
<i>Eliana Crispim França Luquetti</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221123	
CAPÍTULO 24	290
AS FORMAS PRONOMINAIS TU, VOCÊ E O(A) SENHOR(A) NO PORTUGUÊS FALADO EM CAMETÁ-PARÁ	
<i>Raquel Maria da Silva Costa</i>	
<i>Karina Pereira Castro</i>	
<i>Kéttelen Mayara Tavares Brito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221124	
CAPÍTULO 25	304
ATIVIDADES DE REFERENCIAÇÃO: O USO DE MARCADORES TEMPORAIS EM NARRATIVAS AFILIADAS AO LENDÁRIO AMAZÔNICO	
<i>Heliud Luis Maia Moura</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221125	
CAPÍTULO 26	318
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM PERSPECTIVA: O QUE AS PESQUISAS (NÃO) TÊM A DIZER SOBRE A PERSONALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM?	
<i>Joane Marieli Pereira Caetano</i>	
<i>Adriene Ferreira de Mello</i>	
<i>Dulce Helena Pontes-Ribeiro</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221126	

CAPÍTULO 27	334
ENSINO DE LIBRAS L2 NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Andréa dos Guimarães de Carvalho</i>	
<i>Gilmar Garcia Marcelino</i>	
<i>Kelly Francisca da Silva Brito</i>	
<i>Renata Rodrigues de Oliveira Garcia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221127	
CAPÍTULO 28	341
EVENTOS DISCURSIVOS CARREGADOS DE SENTIDOS: EFEITOS MONITORÁVEIS?	
<i>Ieda Tinoco Boechat</i>	
<i>Thiago Soares de Oliveira</i>	
<i>Sérgio Arruda de Moura</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221128	
CAPÍTULO 29	354
GÊNEROS TEXTUAIS, TECNOLOGIA E ENSINO DE PORTUGUÊS PARA FALANTES DE OUTRAS LÍNGUAS.	
<i>Ângela Marina Bravin dos Santos</i>	
<i>Arthur Lima de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221129	
CAPÍTULO 30	361
O QUE DIZEM AS REDAÇÕES DO ENSINO FUNDAMENTAL I ? - UMA PESQUISA BASEADA EM CORPORA	
<i>Elaine Cristina Ferreira de Oliveira</i>	
<i>Adriane Orenha-Ottaiano</i>	
<i>Ravel João da Silva Gimenes</i>	
<i>Leandro Ferreira de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221130	
CAPÍTULO 31	370
UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE OS DIÁLOGOS DIDÁTICO NOS LIVROS DE LÍNGUA INGLESA	
<i>Sonia Maria da Fonseca Souza</i>	
<i>Eliana Crispim França Luquetti</i>	
<i>Poliana da Silva Carvalho</i>	
<i>Vyvian França Souza Gomes Muniz</i>	
<i>Joane Marieli Pereira Caetano</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221131	
CAPÍTULO 32	385
ENTRE FATOS E HIPÓTESES: A LINGUAGEM EM ANÁLISE	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Leonardo Gomes de Souza</i>	
<i>Fernanda Soares Wenceslau</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221132	
SOBRE A ORGANIZADORA	401

UM PASSEIO PELAS RUAS, CIDADES E VIDAS EM SULEIMAN CASSAMO

Fabiana de Paula Lessa Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro - RJ

Fabiana Rodrigues de Souza Pedro

Universidade Veiga de Almeida
Rio de Janeiro - RJ

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar o espaço urbano nos contos “José, pobre pai Natal” e “As mãos da vida”, que pertencem à obra *O regresso do morto* (1989), do escritor moçambicano Suleiman Cassamo. Busca-se percorrer a cidade ficcional que tanto atrai, quanto segrega os sujeitos das classes sociais mais baixas, além de os submeterem a todo tipo de violência. Chama a atenção para os migrantes, nem sempre encontram as condições favoráveis, abrigando-se às margens, e por lá sobrevivendo. Em “José, pobre pai Natal”, a mulher espera pelo marido que saíra cedo a fim de vender tripas nas ruas da cidade. Entre a partida e a chegada, o narrador vai revelando as mudanças pelas quais passara Lourenço Marques (atual Maputo) desde a vinda do casal. Já em “As mãos da vida”, o narrador descreve as transformações no cenário citadino após a independência de Moçambique. Como resultado, a exclusão e/ou a expulsão dos que não se adaptam a nova realidade. E a urbe é (re)pensada pelo viés literário.

PALAVRAS-CHAVE: Ruas; Cidades; Moçambique; Contos; Cassamo.

ABSTRACT: The present work has the objective of analyzing the urban space in the short stories “José, pobre pai Natal” and “As mãos da vida”, that belong to the work *O regresso do morto* (1989) of the Mozambican writer Suleiman Cassamo. It seeks to traverse the fictional city that attracts so much, as it segregates the subjects of the lower social classes, besides subjecting them to all kinds of violence. It draws attention to the migrants, not always find favorable conditions, sheltering the banks, and surviving there. In “José, pobre pai Natal”, the woman waits for her husband who had left early to sell casings on the streets of the city. Between the departure and the arrival, the narrator reveals the changes that Lourenço Marques (now Maputo) had experienced since the couple’s arrival. Already in “As mãos da vida”, the narrator describes the transformations in the city scene after the independence of Mozambique. As a result, the exclusion and / or expulsion of those who do not adapt to the new reality. And the city is (re) thought by the literary bias.

KEYWORDS: Streets; Cities; Mozambique; Tales; Cassamo.

E, diariamente, chegava mais gente. Cada um sua língua, seus costumes. Cada um suas ambições e meios muito pessoais para realizá-las.

Cada um, sozinho no seio de tanta gente.

(Suleiman Cassamo)

É só o amor, é só o amor;
Que conhece o que é verdade;
O amor é bom, não quer o mal;
Não sente inveja ou se envaidece.

(Renato Russo)

Segundo o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001, p. 714), concebe-se cidade, entre outras acepções, como sendo

aglomeração humana de certa importância, localizada numa área geográfica circunscrita e que tem numerosas casas, próximas entre si, destinadas à moradia e/ou atividades culturais, mercantis, industriais, financeiras e a outras não relacionadas com a exploração direta do solo.

Partindo desse conceito, o que é ler e/ou escrever uma cidade? O que é ler e/ou escrever uma cidade periférica?

A leitura que se faz muitas vezes das cidades periféricas passa a impressão de ser a mesma pelas características apresentadas e/ou pelas condições vividas por seus habitantes, mas não é. Observa-se que há pontos comuns apenas. Com um olhar perspicaz, o escritor capta as especificidades locais, o que está no centro, o que está no entorno, revelando-nos através da escrita as mazelas sociais, como também a força humana para superá-las.

O espaço urbano, nos textos, vai ocupar uma posição de destaque. Imagens de Lourenço Marques/Maputo e suas áreas periféricas vão sendo reveladas, como toda sua vida social repleta de contrastes. Isto é o que nos propomos: percorrer a urbe construída ficcionalmente à margem do sistema central/capitalista, refletindo de certa forma o processo de colonização.

A África é saqueada, dividida e ocupada pelas potências da Europa a partir do século XV. Milhões de africanos são escravizados por essas nações, que mantiveram a exploração de recursos naturais e da mão de obra mesmo após o fim da escravidão. As lutas anticoloniais desenvolvem-se, principalmente, na segunda metade do século XX e misturam-se aos conflitos da Guerra Fria. Persistem rivalidades étnicas entre populações de países cujas fronteiras foram criadas pelas nações europeias no final do século XIX, não respeitando a configuração geopolítica preexistente.

O domínio português, na região de Moçambique, iniciou-se no século XVI e estendeu-se por quase 500 anos. A opressão, o cerceamento da liberdade e as disputas (inter)nacionais na África, que percorreram séculos, refletiram incisivamente nas relações humanas, mas não conseguiram apagar a força das tradições culturais

que ressurgiu no século XX para reconstruir a identidade nacional. Vale mencionar que se constituiu uma identidade híbrida, formada pelo contato com os portugueses e outros povos do Índico.

Na perspectiva da teoria cultural contemporânea, o hibridismo – a mistura, a conjugação, o intercuro entre diferentes nacionalidades, entre diferentes etnias, entre diferentes raças – coloca em xeque aqueles processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas, divididas, segregadas. O processo da hibridização confunde a suposta pureza e insolubilidade dos grupos que se reúnem sob as diferentes identidades nacionais, raciais ou étnicas. A identidade que se forma pelo hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas. (SILVA, 2013, p. 87)

É impensável a ideia de identidade pura, especialmente, em países colonizados, onde as trocas foram inevitáveis, como se observa nos contos. Em “José, pobre pai Natal”, a mulher espera pelo marido que saíra cedo para vender tripas nas ruas da cidade. Entre a partida e a chegada, o narrador vai contando as mudanças pelas quais passara Lourenço Marques (atual Maputo) desde a vinda do casal.

Narrado em 3ª pessoa, concentra-se no dia 24 de dezembro de 1953, mas transita nos tempos: passado – quando rememora a chegada do casal à cidade – e presente – a expectativa da volta para casa de José; nos espaços: a casa (privado), a rua (público) e a varanda (entrelugar), como se vê, no início da narrativa, “Uma mulher, na varanda, espera seu homem” (CASSAMO, 1989, p. 53). Mais adiante se observa a presença do narrador onisciente intruso, ao tecer considerações acerca das personagens: “Quem se recorda de um casal que, numa tarde de um dia distante, chegou montado num burrinho?” (CASSAMO, 1989, p. 53)

É comum o trânsito entre as pessoas de áreas pobres para as ricas. Ao pensar um país internamente, os deslocamentos ocorrem para regiões mais desenvolvidas, deixam suas cidades em busca de outras, que pressupõem em melhores condições para atender suas necessidades básicas: moradia, trabalho, escolas, etc. Partem com poucos pertences para terras desconhecidas repletos de expectativas, muitas vezes se deparam com situações até mais precárias do que as vividas na terra natal.

A narrativa passa-se no final do período colonial em Moçambique. Os anos 1950 caracterizaram-se como um momento de reação, de mobilização por parte da sociedade, começa-se a reagir contra o estado das coisas. Com tantas mudanças no mundo pós-guerra, não era mais cabível as colônias de exploração. Embora se saiba que as grandes potências utilizaram outras formas de dominação, de colonização. Os mais fortes sempre pretendem dominar os que consideram mais fracos, seja política, econômica e até culturalmente, conforme discute Edgar Morin:

No começo do século XX, o poder industrial estendeu-se por todo o globo terrestre. A colonização da África, a dominação da Ásia chegam a seu apogeu. Eis que começa nas feiras de amostras e máquinas de níqueis a segunda industrialização: a que se processa nas imagens e nos sonhos. A segunda colonização, não mais horizontal, mas desta vez vertical, penetra na grande reserva que é a alma humana.

(...)

A segunda industrialização, que passa a ser a industrialização do espírito, e a segunda colonização que passa a dizer respeito à alma progridem no decorrer do século XX. Através delas, opera-se esse progresso ininterrupto da técnica, não mais unicamente voltado à organização exterior, mas penetrando no domínio interior do homem e aí derramando as mercadorias culturais. (MORIN, 1987, p. 13)

O que se vê é a constante busca pela dominação, pelo poder interna e externamente. Por exemplo, Portugal foi um dos últimos países a reconhecer a independência de suas colônias africanas após anos de guerra. As condições não se sustentavam mais tamanha a precariedade em que todos viviam. De fato, ocorreu uma pequena urbanização na capital da colônia, porém, se olhasse ao redor, a população vivia em péssimas condições, miséria, fome, opressão, violência.

Malhangalene era, na altura, de uma geometria de linhas tortas. Proliferavam tendas, tectos de plástico rasgado, coberturas de lona, em zinco podre e paredes de caniço transparentes. Débeis, toscas barracas no caminho do vento Sul. Lareiras ao relento, ao sol e à chuva.

Terra de gente estranha, terra de gente ganha-pão à custa do próprio suor, gente pacífica. Mas também, Malhangalene de mabandido.

E, diariamente, chegava mais gente. Cada um sua língua, seus costumes. Cada um suas ambições e meios muito pessoais para realizá-las.

Cada um, sozinho no seio de tanta gente. (CASSAMO, 1989, p. 53)

Os lugares destinados aos migrantes pobres situavam-se nas margens da capital Lourenço Marques/Maputo. É inegável a atração que as cidades exercem mesmo em países periféricos, ou ainda colônias, lá é onde se imagina encontrar emprego, salários mais altos, habitação, escolas, hospitais, meios que possibilitem uma vida digna, o que nem sempre acontece.

De certa forma, os “bairros de caniço”, como eram conhecidos, recebiam todos os que chegavam de diferentes regiões. Embora encontrassem lugar para morar, cercado de pessoas, sentiam-se sós, solidão. Abandonavam seus familiares, sua comunidade em busca de sonhos que não veem perspectiva de se realizar, tornando a vida mais difícil. Além disso, os habitantes da periferia não eram bem vistos pela elite local. E “a casa dela é o início, ou o fim, da cidade do cimento. Quem pensava que a cidade crescería assim? Perto não havia fábrica, não tinha sirene. O zurro singelo do burro marcava o dina.” (CASSAMO, 1989, p. 53)

Vale ressaltar a demarcação das fronteiras entre bairros pobres – de caniço – e ricos – de cimento. A casa do casal encontra-se na divisa entre esses dois mundos tão desiguais. Percebe-se certa urbanização, industrialização pela presença de fábricas, onde as sirenes passaram a marcar os horários de entrada, de saída e os intervalos dos operários, abandonando o som propiciado pelos burros. Até mesmo a substituição de um animal por um objeto eletrônico sinaliza os novos tempos.

Ao referir-se ao espaço do colonizador e o do colonizado, Frantz Fanon expõe:

A zona habitada pelos colonizados não é complementar da zona habitada pelos colonos. Essas duas zonas opõem-se, mas não a serviço de uma unidade superior. Regidas por uma lógica puramente aristotélica, elas obedecem ao princípio de exclusão recíproca: não há conciliação possível, um dos termos é demais. A cidade do colono é uma cidade sólida, toda de pedra e ferro. É uma cidade iluminada, asfaltada, onde as latas de lixo transbordam sempre de restos desconhecidos, nunca vistos, nem mesmo sonhados. (...)

A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a aldeia negra, a *medina*, a reserva é um lugar de mal afamado, povoado de homens mal afamados. Ali, nasce-se em qualquer lado, de qualquer maneira. Morre-se em qualquer lugar, de qualquer coisa. É um mundo sem intervalos, os homens se apertam uns contra os outros, as cabanas umas contra as outras. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, esfomeada, por falta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade agachada, de joelhos, uma cidade prostrada. É uma cidade de pretos, de “turcos”. (FANON, 2010, p. 55-56)

Os contrastes na cidade são visíveis em vários aspectos já mencionados, e os meios transportes utilizados inserem-se entre eles. Os mais pobres circulavam de burros, de carroças, enquanto os que tinham um maior poder aquisitivo, de carro, mesmo usados, mais antigos. Como se observa na fala do narrador, a vizinha do casal deslocava-se de calhambeque:

O calhambeque arrancou. Iriam à Missa de Galo?

E ali, quem vinha montado? Não seria o José? Era ele!... E a carroça?...

À luz do candeeiro da esquina, o burro virou cavalo. Lá em cima, na sombra que caía da aba do chapéu, os olhos do cavaleiro eram duas esferas de aço em brasa. Os braços caíam ao longo do corpo, tenazes, metálicos. Mais abaixo, pernas compridas desciam da sela. Eram de carvão brilhante mas com vigor de ferro.

Mas eis que agora bate com força. As crianças acordam. Ela sai. Choca com os olhos do burro. Vai à carroça: Com os braços de um Cristo pregado na cruz, José jazia. Tinha olhos esbugalhados, e a barba branca de Pai Natal pintada de escuro sangue.

Foguetes riscavam o céu de Lourenço Marques.

Um grito de mulher encheu a meia-noite.

Foi no Natal de 1953. (CASSAMO, 1989, p. 54)

Os diferentes modos de vida na cidade foram sendo expostos. A desumanidade do sistema colonial que impôs duras restrições aos colonizados em sua própria terra que não foram apagadas totalmente. Mudam-se os governos, mas muito pouco os homens que detêm o poder e vivem da exploração do outro.

É possível notar a presença das religiões cristãs, como José, nome da personagem central, que remete à figura bíblica de “José, o carpinteiro”, esposo da virgem Maria e pai de Jesus Cristo. Operário, é tido como “Padroeiro dos Trabalhadores”, e, pela fidelidade a sua esposa e dedicação paternal a Jesus, como “Padroeiro das Famílias”.

Embora haja uma (des)construção da imagem de José. Outra evidência: a casa é construída, quando chegam, com caixas de biscoito “Maria”, o nome remete à mãe de Jesus, e elas são responsáveis pelo teto, pelo abrigo da família. Por fim, a menção a Cristo pregado na Cruz. Seria referência a um novo tempo?

Na visão de mundo africana, a morte não é o fim, é apenas o começo de um novo ciclo da vida que é eterno, como discute Kabwasa (1982). Vale lembrar que as missões religiosas cristãs organizavam as escolas no período colonial e, mesmo depois da independência, essas religiosidades não deixaram de existir no país, misturaram-se a elementos da cultura africana.

Nomear Lourenço Marques é, portanto, uma forma de deixar marcado o período colonial que estava encerrando-se. As ideias de liberdade, que estão sendo difundidas na sociedade, fortalecem-se, daí culminando com a guerra de libertação na década de 1960. Foguetes riscaram o céu de Lourenço Marques, iluminando-o, anunciando outro dia, e quem sabe de luz?! Esse “grito de mulher” que explode é de toda a sociedade que não aguenta mais a violência a que está submetida. E o som enche a “meia-noite” que pode simbolizar a passagem para um novo dia, um começo que aponta em meio à tragédia.

Já em “As mãos da vida”, põe-se por escrito a história de Djimo, personagem que representa tantos homens que seguem para a cidade em busca de uma vida melhor, acompanham seu crescimento e nem sempre se adaptam às mudanças. Quando mais velhos podem encontrar dificuldade de adaptação, tornando-se, inclusive, “presas” fáceis nas armadilhas da cidade.

Djimo trabalhou a vida toda entregando mercadorias em sua carroça, mas os tempos mudaram, e o trabalho escasseou. Outros meios de transporte passaram a exercer tal atividade de forma mais rápida e eficaz, assim algumas carroças foram sendo substituídas, porém o que fazer com as pessoas? No “mundo moderno”, quando não há espaço para determinada função, os trabalhadores acabam abandonados, isolados, excluídos.

Observa-se que o desenvolvimento nas cidades mais pobres, geralmente, não é acompanhado de melhor qualidade de vida para todos. Os avanços técnicos não se preocupam com o ser humano, os empregados ou são excluídos, ou continuam vivendo com o mínimo para subsistir. Para uns enriqueceram, a maioria vive em condições miseráveis. Sendo assim, os migrantes, quando não veem mais possibilidade de sobrevivência, retornam à terra natal.

Inicia-se o conto com o narrador onisciente apresentando o espaço em transformação:

Quem antes o vira passar, no seu passo trôpego, não julgaria tratar-se do mesmo burro. Fora sempre fantástica a visão da engrenagem dos ossos, tenaz como de aço fosse, debaixo da pele coçada. A cada passo rangia; os músculos, correias dessa engrenagem, dilatavam e vibravam; a baba escorria pelos beiços. A carroça, carregadíssima, lá ia, ora no pó, ora na lama, no asfalto ou no areal, rolando, rolando, rolando.

Agora, porém, livre da carga de sempre, marchava altivo, a cabeça erguida, digno de ser burro. (CASSAMO, 1989, p. 39)

Através da descrição, infere-se que a personagem realizava o transporte de carga em sua carroça pelas ruas da cidade. O trabalho era intenso para ambos. Devido à urbanização, algumas atividades foram substituídas, ou realizadas em menor escala, levando o trabalhador cada vez mais à marginalidade, à pobreza. Apesar do crescimento, a divisão entre bairros pobres e ricos era bem demarcada.

Na rua, a multidão, em destinos cruzados, afastava-se para o burro passar. Nos quintais de caniço e de zinco podre, podia perceber-se uma mulher de capulanas arregaçadas, as pernas em V invertido. O mijo morno e a água suja desciam a rua e o mau cheiro subia na atmosfera de telhados de chapa e lona fulgindo ao sol. (CASSAMO, 1989, p. 39)

À medida que as cidades crescem, passam a ter mais infraestrutura, comércio, fábricas, indústrias, áreas de lazer, enfim, circulação de renda na economia, o que atrai muitas pessoas, levando a migrarem em busca de emprego a fim de obterem qualidade de vida. Nem sempre atingem o objetivo. Na maioria dos casos, vão compor a periferia do centro urbano, deixando visível o fosso social existente.

Configura-se um espaço dual: de um lado, a cidade formal – cimento, asfaltada, limpa – e, de outro, a cidade informal – “caniço e zinco”, de terra, suja. Comprova-se a ausência do Estado nas “cidades de caniço”, onde as construções são precárias, frágeis, erguidas sobre a terra, sem saneamento básico.

E a continuidade desse estado de miséria é decorrente da ganância dos homens. Em África, por exemplo, muitos países possuem grandes reservas minerais, podendo proporcionar à população qualidade de vida. No entanto, os governantes responsáveis por gerir esses bens não dividem as riquezas como deveriam. A maior parte da sociedade, portanto, vive na extrema pobreza para poucos desfrutarem dos ganhos. A desigualdade social contribui para o aumento da violência na cidade.

Os comboios de burros largavam de Missavene e Mavalene para vários destinos: Laulane, Coumpuni, e Polana-Caniço, a noroeste; Huelene, a norte; Nhagóia e Jardim, a nordeste; Xipamanine, Chamanculo, Mafalala e Maxaquene, mais para sul. Atravessavam assim, de ponta a ponta, a cidade de caniço, até ao Alto-Maé e Malanga, com fardos de mboa, ncancana, nhangana, dledlele e mathapa, vendidos aos montinhos, à porta do quintal, a lenha e o carvão cada vez mais raros e caros. (...)

Disputando o asfalto aos veículos automotores foi descendo a Karl Marx. No sinal vermelho, o velho Djimo asobiou e o burro, obediente, parou. (CASSAMO, 1989, p. 39-40)

A geografia da cidade apresentada mostra um pouco da dinâmica social, onde o velho (carroça) e novo (automóvel) compartilham o mesmo espaço. Apesar de ser a capital do país, Maputo era uma cidade rudimentar que transportava basicamente

produtos agrícolas, mais voltada para a exploração dos recursos naturais.

Empregar os nomes na língua nativa é uma forma de (re)afirmar sua identidade. Vale citar que nomes foram alterados após a independência, porque não lhes traziam referências. Por exemplo, a capital Lourenço Marques, explorador português, passou a se chamar Maputo, um rio do sul de Moçambique. É interessante assinalar o ponto de vista de Stuart Hall sobre a construção da identidade:

Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto as nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas”. (HALL, 2006, p. 50-51)

Além disso, marca o tempo histórico ao mencionar a rua Karl Marx, nome dado no pós-independência, tendo em vista que a nação recém-liberta tinha por base o modelo socialista. José Luís Cabaço justifica a opção da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) pela via socialista da seguinte forma:

Foram, contudo, as desigualdades sociais, a violência, os abusos, a iniquidade na distribuição de renda e benefícios e a exploração do sistema colonial que, criando um sentimento de revolta e uma sede de justiça, constituíram os factores decisivos na opção dos guerrilheiros. A prática da luta armada implicava um profundo envolvimento com os camponeses, uma íntima relação do pensamento nacionalista com a vida do povo, a consciência da sua miséria, mas também da sua criatividade e das suas capacidades de sobrevivência perante situações tão difíceis. (CABAÇO, 2009, p. 314)

Com o tempo, as lutas internas pelo poder, apoiadas pelas grandes potências os Estados Unidos e a ex-União Soviética, e as próprias mudanças no contexto mundial ao longo das décadas levaram a certo afastamento das ideias socialistas. É difícil colocar em prática qualquer sistema que tenha como objetivo o bem-estar social. Enfim, fazer referência a “Karl Marx” é trazer à tona um modelo de mundo ideal, mais igualitário, o que poderia ter sido.

– Estou cansada da cidade, Pai do Juse – dizia ela. – Quantas vezes eu te disse? Quantas? Não é como no tempo em que vendias tripas...

E o velho recorda com saudades esses tempos:

– A mbongolo! ya marhumbo! A mbongolo! ya marhumbo!..

E a carroça rolava, parava, vendia...

– Agora está tudo difícil. É carvão, é comida, é tudo! Até as folhas murchas são dinheiro. Hoje, o que vale esse dinheiro? Voltemos para a terra do Pai Juse...

O sinal mudara para verde, os carros buzonavam, os condutores gritavam, os olhos quase a saltarem de fúria.

O velho, assustado, deu um tau-tau no burro. O burro arrancou, quase atirando-o para trás. A carroça lá foi, rolando, rolando e rolando.

Essa mesma terra, a Moamba, que o veria agora de regresso. Mas não de mãos vazias: compraria uma charrua com o fruto de anos e anos de trabalho com o burro. (CASSAMO, 1989, p. 40)

Toda a agitação do meio urbano percebe-se não só pela multidão nas ruas, mas também pelo comportamento das pessoas, no caso dos motoristas, que aos gritos exigiam a partida do burro. Outro fato que marca as transformações são as regras sociais, como a sinalização de trânsito. Parece contraditório, mas as condições de vida ficam difíceis na cidade após a independência. Falta o mínimo para a sobrevivência que é a alimentação.

É comum as pessoas migrarem com objetivo de retornarem à terra natal depois de conseguirem certa estabilidade financeira, ou, simplesmente, terem conseguido juntar algum dinheiro para ter como se manter por um período na volta. Um dos motivos de Djimo ir à cidade foi este: ter dinheiro para comprar uma charrua para trabalhar. Porém, quando o sonho tornara-se mais próximo de se concretizar, é assaltado. São muitas estratégias utilizadas pelos criminosos a fim de conseguir dinheiro fácil nas ruas da cidade, como: vestir-se bem para não despertar suspeitas, fugindo do estereótipo de maltrapilho. Além do efeito “surpresa” e tentar ludibriar a vítima.

Ele (Djimo) começou a narrar, devagar.

Eram dois homens, de casaco e gravata. Quem diria que não eram do Banco? Gritaram:

– Eh! Pára aí!

Parou.

– O teu cheque não está em ordem.

O cheque? Não estava em ordem? Ficou atrapalhado, o chão tremeu. O chão ou ele?

– Da cá o dinheiro!

Boquiaberto passou-lhes a massa.

– Siga-nos.

Segui-lhes.

– Aguarde aqui! Vamos resolver com o gerente.

Ficou espetado “a ver navios”. (...)

– Não se fala mais da charrua. Ainda tenho mãos, Pai do Juse. Não morreremos de fome enquanto as tiver. Estas mãos.

O velho Djimo olhou para as mãos da mulher: Mãos de amor, mãos do milho, mãos da vida. (CASSAMO, 1989, p. 42-43)

Como se não bastasse os problemas em uma cidade, os habitantes ainda têm que lidar com a violência urbana. São enganados a tal ponto que se sentem reduzidos a nada, um grande vazio. E o pior é pensar que poderia ser uma pessoa responsável por

administrar seu dinheiro. Constatase, portanto, a perversidade humana nestas faces: o descaso do governo com as áreas periféricas, “cidades de caniço”, e a violência cotidiana.

Diante do exposto, se por um lado, percebe-se a ausência da Metr pole/ Estado, através da marginalidade, da violência, da exclusão, da falta ou ineficácia dos serviços públicos; por outro, sente-se o amor presente na vida dos que convivem, chave para uma sociedade mais solidária, e quem sabe justa?

REFERÊNCIAS

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e liberta o**. São Paulo: UNESP, 2009.

CASSAMO, Suleiman. **O regresso do morto**. Maputo: Associa o dos Escritores Moçambicanos, 1989.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad.: Enilce A. Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: UFJF, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUAISS, Ant nio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KABWASA, Nsang O’Khan. “O eterno retorno”. In: **O Correio da Unesco**, Brasil, 1982, ano 10, n  12, p. 14-15.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: Neurose**. Trad.: de Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

SILVA, Tomaz Tadeu da. “A produ o social da identidade e da diferença”. In: _____. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 13. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013. p. 73-102.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-89-5

